

‘Excesso Chamalo’, de Marie Loiser & David Legrand: A matéria viva do gesto

Cátia Rodrigues

Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, Portugal
ferreirarodriguescatia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8229-0771>

RESUMO Na 30ª edição do Festival Curtas Vila do Conde, Marie Losier juntou-se a David Legrand para a criação da exposição conjunta ‘Excesso Chamalo’, na Solar Galeria de Arte Cinemática. Propomos um itinerário crítico pela exposição, debruçando-nos sobre os principais aspectos formais de cada filme e a relação com o suporte/espço expositivo.

PALAVRAS-CHAVE Marie Losier; David Legrand; movimento; corpo; experiência cinematográfica.

Como tem vindo a ser hábito no Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema, todos os anos é apresentada uma exposição paralela na Solar Galeria de Arte Cinemática. A convite do Curtas Vila do Conde, no ano do seu trigésimo aniversário, Marie Losier juntou-se a David Legrand para criarem a exposição inédita ‘Excesso Chamalo’, integrada na Temporada Portugal-França, com curadoria de Nuno Rodrigues, director artístico e programador do festival. O convite de Losier à colaboração do artista David Legrand advém da partilha entre ambos do mesmo impulso e desejo de liberdade e de expansão do cinema, determinante do(s) modo(s) de criação de cada um. Para Émilie Flory, curadora francesa e autora da folha de sala da exposição, Losier e Legrand “têm ambos a mesma filosofia, um trabalho generoso como curso de vida, necessário e em comunidade, uma ternura pelos gestos partilhados” (Flory 2022, 4).

Paralelamente à exposição, é concedida à artista francesa *carte-blanche* para programar três sessões compostas por filmes que, directa ou indirectamente, exerceram uma influência no seu trabalho e a acompanharam pelo seu período de estadia em Nova Iorque, cidade onde viveu mais de duas décadas. Maioritariamente composta por filmes

que descobriu no Anthology Film Archive, fundado por Jonas Mekas, a *carte-blanche* de Marie Losier incluiu obras de J.J. Murphy, George Kuchar, Jack Smith, Tony Conrad, François Reichenbach, entre outros nomes consagrados do cinema experimental. Segundo Losier, “[e]stas obras inspiram a pura alegria de criar, com um sentido artesanal e desejos intensos, ao combinar meios, ultrapassar limites e amar o artifício: elas respiram poesia, beleza e felicidade” (Losier, 2022, 12). Os princípios enunciados, que foram determinantes na escolha dos filmes exibidos a pretexto da *carte-blanche*, correspondem integralmente aos princípios que regem a práxis e a estética cinematográficas da sua obra, a qual, na sua multidisciplinaridade e polimorfia, reúne não apenas filmes, mas também desenhos, esculturas e instalações. Do lado da práxis, situam-se o *desejo*, a *transgressão* e o *amor*, que transbordam para uma estética provinda da *poesia*, da *beleza* e da *felicidade*.

O percurso de Marie Losier começa com a Bolex, o seu principal instrumento de trabalho. Sendo a sua câmara de eleição, ela é uma “extensão do olho e da mão, com que sempre capturou, em película e em 16mm” (Flory 2022, 3). De acordo com a artista, a Bolex concedeu-lhe a liberdade necessária para encontrar o seu ritmo, tendo sempre firmemente recusado a mudança para outro formato, como por exemplo o vídeo. No que outros vêem um constrangimento, o de não poder filmar e imediatamente ver as imagens filmadas, Losier vê mistério, prazer e um encontro do seu olhar com o olhar da câmara. Na génese deste olhar está o amor enquanto princípio ético supremo das suas escolhas em relação a quem filmar e a como filmar. Foi sempre o amor que lhe deu os corpos para filmar e os seus lugares diante da câmara. Isto é, quem e como filmar são sempre objectos de amor da artista, são sempre pessoas que ama e com quem partilha um grau de intimidade. Neste sentido, o universo fílmico construído pelos seus filmes é uma extensão, mediada pela Bolex, do universo vivencial da artista.

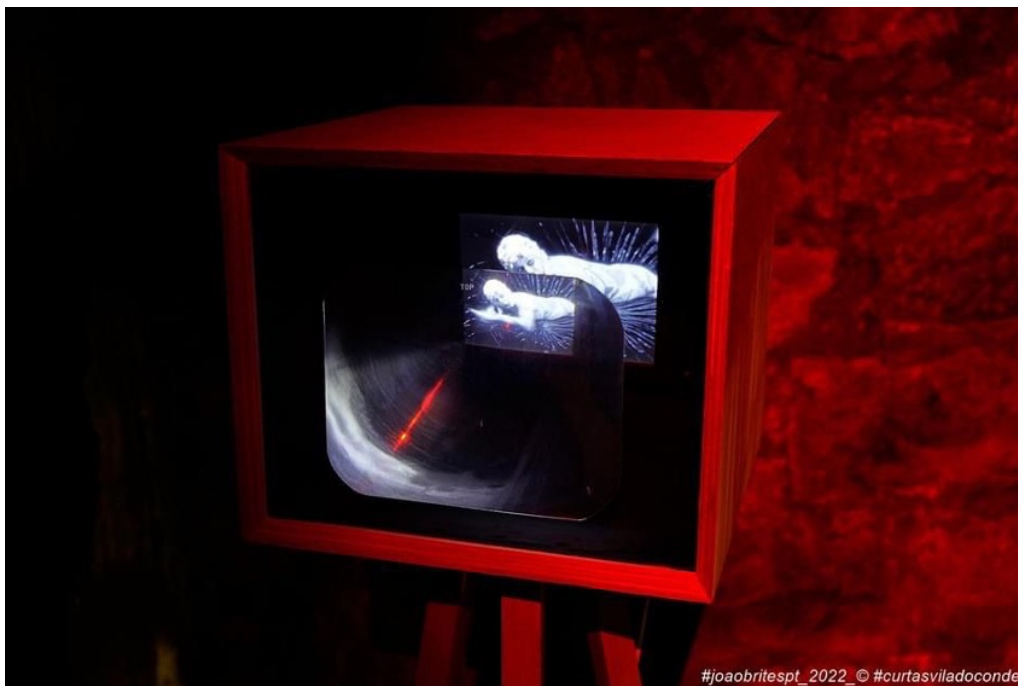


Imagem 1: *Movie Boxes* (2016). | © João Brites.

A escolha da película, do formato 16mm e de um método de trabalho essencialmente orientado pelo amor colocam em evidência a marca do estilo irreverente e da singularidade da artista, de que a excentricidade é pedra-de-toque. Para Losier, nunca ter frequentado uma escola de cinema foi o começo de um contínuo acto de libertação das amarras formais e narrativas convencionais do cinema e da ideia do que deve ser um filme. Aliás, em causa está a própria noção de imagem e o questionamento, subversão e transgressão das suas potencialidades. Neste sentido, encontra no cinema mudo, nomeadamente em Georges Méliès, a primeira camada de aprendizagem. Pela teatralidade das performances, pelo exagero dos gestos e das expressões, pela inventividade narrativa e pelo tom cómico subjacente, não poderiam *Eat My Make-up!* (2005) ou *Flying Saucy!* (2006), por exemplo, ter sido realizados por um Méliès ainda vivo? A proximidade entre a sua obra e a tradição do cinema mudo intensifica-se quando a artista move a sua obra da sala do cinema para o espaço expositivo, onde inclui, para além dos seus filmes, pinturas, desenhos, instalações e performance. Este movimento de um espaço para outro une passado e presente numa experiência unívoca, cuja primeira exigência é a de que se olhe com o corpo, conferindo uma dimensão tátil à experiência do cinema.



Imagem 2: La Galerie du Cartable. | © João Brites.

A exposição 'Excesso Chamalo', além de materializar os filmes de Losier e Legrand, apela à mobilidade do espectador que percorre as diferentes salas da Solar por entre paisagens visíveis e especialmente palpáveis e sonoras. É um apelo com vista a unir à imagem em movimento o corpo em movimento, constituindo uma unidade entre cinema e vida, em que o movimento é o primeiro e último sinal de vitalidade. Logo à entrada da galeria, *La Galerie du Cartable* (1999) concretiza essa unidade dentro e, sobretudo, fora dela. Criada por Fabrice Cotinat, David Legrand e Henrique Martins-Duarte, a obra consiste numa estrutura de vídeo portátil que Legrand carregou pela galeria e pelas ruas de Vila do Conde, atraindo o olhar e a curiosidade de quem por lá passava. Exposto na vitrine, *La Galerie du Cartable* pode parecer não mais do que um aparelho curioso, cuja forma lembra as primeiras máquinas cinematográficas, pois esconde a função *cartable* e performática que se torna evidente apenas às costas do artista, como se de uma extensão do seu corpo se tratasse, tal qual a Bolex de Losier. A vídeo-performance de Legrand desencadeia um movimento circular, uma vez que ao deslocar-se para o exterior da galeria, gera uma força gravitacional em direção ao interior da mesma, onde decorre a festa a que Losier e Legrand chamaram 'Excesso Chamalo'.



Imagem 3: Marie Losier e David Legrand, 'Excesso Chamalo'. | © João Brites.

Entremos de olhos bem abertos na instalação *RIdeaux Yeux* (2022), em português *Cortinas Oculares*, de Marie Losier, um rosto de tecido que nos perscruta o olhar sobre as três (mágicas) caixas de filmes montadas na mesma sala, onde se encontra projectado, sobre uma panela com água, *Flying Saucy!*. A oscilação da câmara sempre móvel de Losier, que dá origem a imagens frenéticas, paradoxalmente harmonizadas na montagem pelo ritmo irregular da música, é ilusoriamente intensificada pelo constante movimento da água. Mesmo que daquela panela-voadora não saiam corpos vestidos com trajes alegres e cobertos por massa, a materialidade do suporte de projecção suscita-nos uma esperança inocente de que um desses corpos se espraie para fora da tela e apareça ao alcance do nosso toque, num jogo de esbatimento de fronteiras entre o espaço fílmico e o espaço físico.

À medida que esse esbatimento se acentua, esquecemos a distinção entre “a vida verdadeira e a vida encantada das obras” (Flory 2022, 4), aproximando-nos mais da última, um país das maravilhas losierianas que nos interpelam, ainda que o acesso se faça irredutivelmente a partir do lado da vida verdadeira. Porém, Marie Losier atira-nos confetes e oferece-nos bolo, convidando-nos para a festa de *Eat My Make-up!*. À semelhança de *Flying Saucy!*, o filme é projectado em *loop* num objecto “directamente saído do filme”, neste caso um bolo. Marie Losier abandona a posição por detrás da câmara, tornando a sua presença

visível e corpórea no retrato alegre e excêntrico de uma festa entre amigos. A brincar se faz a festa e o filme, a primeira com bolo e o segundo com *zoom*, repetição e efeitos especiais, como por exemplo o *fisheye*, brincadeiras exemplares da audácia da artista no campo da experimentação cinematográfica.



Imagem 1: *Taxidermisez Moi*. |© Marie Losier.

A par do esbatimento das barreiras entre “a vida verdadeira e a vida encantada das obras” (Flory 2022, 4), Losier cria, no conjunto da sua obra exposta, um gesto de trans-gressão de categorias binárias, com fronteiras pretensamente estanques e inamovíveis, como são feminino-masculino, em *L’Oiseau de la Nuit* (2015) (em português *O Pássaro da Noite*), ou humano-animal, em *Taxidermisez Moi* (2021), ou *Taxidermize-me*, numa tradução algo forçada para português. Ambos se assemelham a contos de fadas com reinos encantados, cuja moral da história é substituída por um manifesto simultaneamente poético e político pela igualdade e liberdade de todos os seres vivos.

Comissariado pelo Museu da Caça e da Natureza de Paris, *Taxidermisez Moi* invade o museu de criaturas embalsamadas, despertadas do seu sono perpétuo pela voz de André Malraux. A subversão dos contos de fadas coloca o caçador no lugar da figura do mal, o qual, de arma em punho, ameaça a continuidade da existência dos estranhos humanos, na verdade

amigos de Losier, camuflados na tentativa de aproximação entre os seus corpos e os dos animais. Para lá da ameaça, o surgimento do caçador constitui também uma convocatória para a resistência face ao enjaulamento e adormecimento da vida e da arte. Em *Taxidermisez Moi*, as duas dimensões imiscuem-se uma na outra pelo trabalho excepcional de colagem e combinação de texturas e cores, pela sobreposição de diferentes camadas de sons, ouvindo-se o seu eco pelo espaço inanimado do museu e, mais uma vez, pelos efeitos especiais, que multiplicam os elementos visuais em imagens caleidoscópicas.

Por sua vez, *L'Oiseau de la Nuit* reúne as principais características da inventividade e sensibilidade artísticas de Marie Losier que vimos até aqui, nomeadamente o papel central que é dado ao corpo nos seus filmes. Não nos surpreende que o filme tenha direito a uma sala só para si, ornamentada por um tecido de veludo verde pintado *in situ*, para mimetizar a *mise-en-scène* do filme e, deste modo, fazer da sala um espaço contíguo. Imersos no universo poético, excêntrico e peculiar da artista, encontramos uma vez mais esses estranhos humanos, amigos de Losier, alguns dos quais nos são conhecidos, como os realizadores João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata. Nem homens nem mulheres, nem humanos nem animais, os corpos que vemos movimentam-se, transformam-se e impossibilitam qualquer categorização, porque eles são veículo de uma expressão livre e trans-gressora. Talvez por isso estejam mais próximos das criaturas mitológicas, das quimeras, dos seres imaginários que ganham “carne e osso” em *L'Oiseau de la Nuit*.

Cumpre-nos reconhecer a totalidade da obra de Marie Losier, aqui bem acompanhada pela obra de cariz mais performático de David Legrand, como matéria viva, em incessante metamorfose de corpos e sons, de que 'Excesso Chamalo' é mais um estádio. A ininterrupta procura pelo desmantelamento das convenções sociais e pela subversão das práticas cinematográfica e artística, indissociáveis para a artista francesa, dão substância a uma estética subversiva e inclusiva, em que apenas a liberdade e o amor em liberdade podem ser instrumentos de criação. Como disse durante a conversa com Sandro Aguilar e João Pedro Rodrigues no Curtas Vila do Conde, criar, fazer cinema, é, antes de mais, “estar em contacto com a criança e juventude que há em nós”. Por isso, a artista dá primazia ao gesto, como veículo por excelência da expressão livre de si, como se o muito que nos mostra se pudesse ver numa dança de crianças, espontânea e verdadeiramente imprevisível, onde o gesto que sucede indefinidamente a um e a outro gesto perdura indecifrável.

Referências

- Flory, Émilie. 2022. *Marie Losier & David Legrand, Excesso Chamalo*. Catálogo da exposição *Marie Losier & David Legrand, Excesso Chamalo* na Solar Galeria de Arte Cinemática, organizado por Solar Galeria de Arte Cinemática/ Curtas Vila do Conde, pp. 3-5. Vila do Conde: Solar Galeria de Arte Cinemática.
- Losier, Marie. 2022. “Música para os olhos”. Catálogo da exposição *Marie Losier & David Legrand, Excesso Chamalo* na Solar Galeria de Arte Cinemática, organizado por Solar Galeria de Arte Cinemática/ Curtas Vila do Conde, p. 12. Vila do Conde: Solar Galeria de Arte Cinemática.

Filmografia

- Eat My Make-up!* [curta-metragem, 16mm transferido para vídeo]. Dir. Marie Losier. George Kuchar, Marie Losier, Jason Livingston, Paul Shepard, Estados Unidos da América, 2005. 4’50mins.
- Flying Saucy!* [curta-metragem, 16mm transferido para vídeo]. Dir. Marie Losier. Marie Losier, Estados Unidos da América, 2006. 7’31mins.
- L’Oiseau de la Nuit* [curta-metragem, 16mm transferido para vídeo]. Dir. Marie Losier. IndieLisboa, Portugal, 2015. 17’7mins.
- Taxidermizez Moi* [curta-metragem, 16mm transferido para vídeo]. Dir. Marie Losier. Musée de la Chasse et de la Nature, França, 2021. 11mins.

‘Excesso Chamalo’ by Marie Losier & David Legrand: The Living Matter of Gesture

ABSTRACT On the 30th edition of Curtas Vila do Conde Film Festival, Marie Losier joined David Legrand to create the exhibition ‘Excess Chamalo’, at Solar Galeria de Arte Cinemática. We propose an itinerary of the exhibition through critically highlighting the main formal aspects of each film, and its relationship with the support and the exhibition space.

KEYWORDS Marie Losier; David Legrand; body; movement; cinematographic experience.